



O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: TEMPO E ESPAÇO DE INTERROGAR-SE

Silvane Fensterseifer Isseⁱ

PALAVRAS-CHAVE: estágio supervisionado; ensino médio; formação de professores.

INTRODUÇÃO

Pode o estágio supervisionado ser tempo e espaço de estudo? Pode ultrapassar o cumprimento de exigências legais? De que forma formadores de professores podem contribuir para que corpo, afeto e pensamento produzam sentidos com a experiência do estágio?

Sou professora supervisora de estágio no curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Univates há onze anos. Não fui formada para ser supervisora de estágio e reconheço que tenho vivido intensamente um processo de experimentação, de tentativas que às vezes produzem bons efeitos e, outras vezes, não têm sido tão bem sucedidas na tarefa de orientar estudantes estagiários. Durante todo esse tempo, tenho procurado pensar caminhos, exigências, proposições pedagógicas que contribuam para experiências interessantes na formação desses estudantes. Tenho me feito muitas perguntas nesse tempo todo e tenho percebido que os estudantes “perguntadores” têm sido os criadores de práticas pedagógicas interessantes e inovadoras. Este trabalho tem como objetivo compartilhar algumas reflexões e proposições que tenho feito como professora supervisora do Estágio Supervisionado III – Ensino Médio, do Centro Universitário Univates, Lajeado/RS.

SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO III – ENSINO MÉDIO

Com o intuito de oportunizar a experiência dos estudantes nos diferentes níveis de ensino da Educação Básica, as disciplinas de estágio do curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Univates estão distribuídas em Estágio Supervisionado I – Ensino Fundamental, Anos Iniciais (120h); Estágio Supervisionado II – Ensino Fundamental, Anos Finais (150h) e Estágio Supervisionado III - Ensino Médio (150h), sobre o qual versa este texto.

Um primeiro exercício relevante para se pensar o estágio no Ensino Médio, é perguntar-se o que é, como se organiza este nível de ensino, quem são e o que desejam os

estudantes a serem ensinados, com os quais se vai compartilhar as práticas docentes, se acreditarmos que “perguntar é a paixão do estudo. E sua respiração. E seu ritmo. E sua obstinação” (LARROSA, 2003, p.97). Se estágio é tempo e espaço de formação, é tempo de estudo. Se é tempo de estudo, é tempo de fazer perguntas aos professores, aos colegas, aos alunos, aos livros... e, especialmente, a si mesmo. Não perguntas que busquem respostas, mas reflexões, estranhamento, compartilhamento e novas perguntas. Perguntas que levem a “[...] caminhar de pergunta em pergunta em direção às próprias perguntas, sabendo que as perguntas são infinitas [...]” (LARROSA, 2003, p.101). Estágio, pois, é tempo e espaço de sentir-se autorizado a perguntar, pensar, perguntar novamente, perguntar de outra forma, perguntar para o outro, voltar, mudar o rumo das perguntas, criando possibilidades de visitar o próprio pensamento. O estágio, portanto, precisa contribuir para que os estudantes estranhem, questionem, refutem, reconstruam, inventem modos de ensinar educação física.

Um primeiro ponto de reflexão da disciplina de Estágio Supervisionado III – Ensino Médio, que já é tema da disciplina Educação Física – Ensino Médio, que deseja fundamentar o ensino da Educação Física no Ensino Médio, é o fato de que muitos estudantes têm certo receio de trabalhar com adolescentes. Nesse sentido, questionamos a caricatura da adolescência problemática e a perspectiva que pensa a adolescência no singular. Procuramos discutir a adolescência no plural – as adolescências – reconhecendo suas multiplicidades e percebendo a necessidade de conhecer a cultura juvenil contemporânea.

Um segundo ponto de reflexão é como podemos legitimar uma disciplina que não segue a lógica racional do vestibular ou a lógica da utilidade do mercado de trabalho, problematizando uma questão real que enfrentamos nos municípios dos quais provêm nossos estudantes: a carga horária da Educação Física no Ensino Médio é muito pequena, as aulas são colocadas em turno inverso, muitas vezes usadas para recuperação de outras disciplinas. Procuramos retomar de que forma essas práticas se instituam.

Terceiro ponto: o Ensino Médio, segunda a LDB 9394/96, é um nível de aprofundamento de conhecimentos (BRASIL, 1996). O que é aprofundar conhecimento em Educação Física? O que ensinar, discutir, tematizar que os alunos ainda não tenham aprendido, ou tenham aprendido de outra forma, no ensino fundamental? Quais são os saberes da educação física que fazem sentido, despertam o desejo de aprender?

O debate sobre esses três pontos, que se desdobram em muitos outros, tem sido um caminho para enfrentar o desafio de que o estágio ultrapasse o mero cumprimento de exigências legais ou curriculares e se torne algo interessante da formação, que seja um bom encontro para os estudantes, que dê visibilidade à potência do estudante-estagiário, da escola e

da educação física como campo de conhecimento e que seja compreendido como campo de estudo, como prática investigativa e, nesse sentido, como potencialização de processos reflexivos e criativos da docência. Questionar as práticas corporais e pedagógicas instituídas; problematizar os fatalismos que propõem que não há nada a fazer em relação à atual condição da escola e da Educação Física, percebendo e/ou criando possibilidades educativas na ordem do micro; deslocar a centralidade das práticas pedagógicas, da vida da Educação Física na escola de elementos como quadras, materiais ou uniforme e desenvolver a plasticidade no ato de estar em sala de aula, de construir relações, de inventar-se como professor é o que dá vida e sentido aos estágios supervisionados em cursos que formam professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu poderia descrever como se estruturam as horas, quais são as tarefas, normas, exigências para as 150h de estágio no Ensino Médio, no entanto essa não me parece ser a questão central do estágio, mas o quanto ele movimenta o pensamento, o quanto ele tira os estudantes de zonas de conforto, o quanto destitui o institucionalizado. Estar na escola, refletindo sobre as aulas ou nos encontros para orientação deve ser um exercício de percepção do diferente, do estranho, do inusitado e a forma como o professor supervisor se coloca na ação do estranhar pode tocar alunos que não vêem, não escutam – nossas perguntas podem mudar alguns rumos. Ao relatar as experiências vividas, estudantes precisam ir além de falas como “concluímos que alcançamos nossos objetivos”, pois avaliar as ações pedagógicas não se trata de confirmar as expectativas do professor, mas compreender o que aconteceu em aula. Estudantes estagiários precisam sair do “eu espero que meus alunos...” para aventurar-se no “que pode acontecer aqui, nesta escola, neste grupo através das experiências corporais, de movimento? O que podem os alunos? O que eu posso como professor? O que podemos como escola?” Estagiar pode ser um bom tempo para compreender como pertencer a esse lugar chamado escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei ° 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

LARROSA, Jorge. **Estudar = Estudiar**. Tradução de Tomaz Tadeu e Sandra Corazza. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

¹Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (UFRGS); docente e coordenadora dos estágios do curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Univates; e-mail: silvane@univates.br.